

# EVOLUÇÃO DE FIRMAS EM LONDRINA

\* *Maria Eduvirge Marandola*

## RESUMO

A presente pesquisa analisa a evolução de firmas e empregos em Londrina, no período de dezembro de 1997 a dezembro de 2002, em termos de ramo de atividade, porte e impacto na oferta de emprego. Os resultados mostram que uma razoável quantidade de firmas é criada e fechada a cada ano, com taxas de natalidade e mortalidade maiores para as empresas de menor porte. As firmas micro representam 92,46% do total e, no período em estudo, foram responsáveis pelo aumento de 1.757 estabelecimentos com um impacto de 7.022 novos postos de trabalho. O crescimento médio total dos estabelecimentos e empregos foi de 4,29% e de 3,73%, respectivamente. Dentre os ramos de atividade, os que mais contribuíram para o aumento do número de firmas foram os de transporte, armazenagem e comunicação. O maior aumento de postos de trabalho foi constatado em atividades imobiliárias, aluguéis e serviços. Houve redução de firmas na construção civil, administração pública, defesa e seguridade. Ocorreu impacto negativo na oferta de emprego, na produção e distribuição de eletricidade, gás e água. Conclui-se que políticas públicas que reduzam a mortalidade naquelas unidades de menor porte podem ser favoráveis à criação e manutenção de empregos.

**Palavras-chave:** Firmas; Desemprego; Criação de Empregos.

## ABSTRACT

This work analyzes the development of companies in Londrina in the period from December 1997 to December 2002 in terms of business lines, size and impact on employment rate. The results show that a considerable amount of companies are opened and closed each year and the largest birth and death rate was present among the small-sized ones. Micro companies represent a total of 92.46% and in the period investigated they represented an increase of 1.757 firms, which resulted in the creation of 7.022 new job posts. The average rises in firms and jobs were of 4.29% and 3.73% respectively. Among the lines of business, the one which most contributed to the creation of new firms was transport, storage and communication. The highest increase in job openings was computed in the field real state business, rentals and services. There was a reduction of companies in building engineering, public administration, defense and security, and also a negative impact on job offers in the areas of production and distribution of electricity, gas and water. In conclusion, public policies that decrease death rate in small-sized companies can be favorable to the creation and maintenance of jobs.

**Key-words:** Companies; Unemployment; Job Creation.

\* Docente do Centro Universitário Filadélfia (UniFil).

Mestre em Teoria Econômica pela Universidade Estadual de Maringá (UEM). A autora agradece às estagiárias Adriana Lopes Nogueira e Viviane Cristina Costa pela valiosa colaboração na coleta de dados.

E-mail: mariaeduvirge@aol.com

## 1. INTRODUÇÃO

O interesse pela criação e fechamento das firmas<sup>1</sup>, em uma análise comparativa aos seus tamanhos, tem aumentado diante das evidências da importância econômica das unidades de menor porte<sup>2</sup>. As micro e pequenas empresas representam a maioria dos estabelecimentos no Brasil e também em outros países, e são substancialmente responsáveis pela geração de empregos. NAJBERG e PUGA (2001, p.01) afirmam que tais firmas têm um papel relevante no processo de renovação da economia, pois "...entre os 2,1 milhões de estabelecimentos brasileiros empregadores existentes em dezembro de 1999, cerca de 48% (1,1 milhão), não existiam em 1995".

A criação de firmas, além de contribuir com a geração de novos empregos e de oportunidades para a mobilidade social, contribui também para o aumento da competitividade e da eficiência econômica. Porém, no caso das unidades de menor porte, na óptica tradicional, impõem-se custos excessivos para a economia como resultado de escalas de produção ineficientes, que implicam em baixa produtividade e baixos salários para os trabalhadores. Em outra perspectiva, as pequenas firmas que nascem, podem ser vistas como agentes de mudança, à medida que representam um processo de inovação tecnológica. Além disso, é através desses estabelecimentos que milhões de trabalhadores conseguem chegar ao mercado de trabalho (NAJBERG, PUGA e OLIVEIRA, 2000).

Na presente pesquisa, busca-se fazer a análise das firmas como agentes de mudança e, portanto, faz-se necessário tecer algumas considerações acerca do referencial teórico utilizado. SCHUMPETER (1985, p.49) publicou, em 1912, a Teoria do Desenvolvimento Econômico, que possibilitou um novo entendimento da dinâmica econômica ao colocar no seu centro, as inovações tecnológicas. Estas inovações tecnológicas podem ser entendidas como novas combinações: "Introdução de um novo bem (...) ou de uma nova qualidade de um bem; Introdução de um novo método de produção (...) ou em nova maneira de manejar comercialmente uma mercadoria; Abertura de um novo mercado; Conquista de uma nova fonte de oferta de matérias-primas ou de bens semimanufaturados; Estabelecimento de uma nova organização de qualquer indústria, como a criação de uma posição de monopólio (...) ou a fragmentação de uma posição de monopólio". O responsável pelas novas combinações é o empresário inovador, que através das inovações consegue auferir lucros extraordinários e, conseqüentemente, colocar-se em vantagem. O empresário inovador é aquele que imprime uma essência pessoal à sua iniciativa, traduzida pela internalização de idéias inovadoras no processo de produção.

Os aprofundamentos na Teoria Schumpeteriana deram origem aos Neo-Schumpeterianos, que geraram novas alternativas para o tratamento da inovação e do progresso técnico. Essas análises se processam no campo microdinâmico e macrodinâmico.

106

1 Unidade técnica que produz bens e serviços ( PASSOS e NOGAMI, 1998).

2 No Brasil, foram encetadas poucas pesquisas acerca desse assunto. Porém, em países desenvolvidos elas são realizadas com freqüência.

Na perspectiva microdinâmica, o processo de mudança tecnológica foi objeto de estudo por parte de autores Neo-Schumpeterianos, denominados evolucionistas; há, nesse sentido, os trabalhos de NELSON E WINTER (1982) *apud* POSSAS (1989) e KUPFER (1996), que se inspiraram no mecanismo de evolução das espécies, (via mutações genéticas) e no processo de seleção ambiental (comportamentos). Ou seja, as firmas atuam no mercado em uma luta pela sobrevivência análoga à concorrência biológica, cujas atitudes são definidas através da capacidade de melhorar a rentabilidade. O processo de evolução seria desenvolvido, em cada firma, de acordo com a sua capacidade para enfrentar as adversidades do meio ambiente. A conduta de cada firma configuraria a sua rotina, ou *gene*. As rotinas podem ser entendidas como um conjunto de técnicas ou processos organizacionais que caracterizam o modo como as mercadorias e serviços são produzidos. Em cada empresa, a capacidade de crescimento se daria de acordo com o tipo de *gene* dominante e, a partir daí, se configurariam as possibilidades da mesma para a adaptação às novas circunstâncias e produção das mutações necessárias. Portanto, as rotinas acumuladas por uma firma e seus recursos humanos seriam a sua “herança genética” - a experiência passada - baseada no aprendizado e na competência, bem como nas soluções encontradas pelos indivíduos e pela firma, que “escreve” a sua história e acumula novas rotinas, amalhando mais capacitação para enfrentar fatores adversos.

Os tais fatores adversos podem ser enfrentados através de estratégias tecnológicas, que conforme FREEMAN (1982) *apud* CAMARA (1993) e SHIKIDA e BACHA (1998), são classificadas em: ofensiva, defensiva, imitativa, dependente, oportunista e tradicional. Dependendo do tipo de estratégia tecnológica adotada, algumas firmas obterão maior proveito das oportunidades técnicas do que outras. Dessa forma, evidencia-se que a concorrência schumpeteriana tende a produzir vencedores e perdedores.

Muito embora o ambiente em que as firmas adotam suas estratégias e tomam as suas decisões seja de incerteza, existem dois tipos de balizamentos estruturais: os paradigmas e as trajetórias tecnológicas<sup>3</sup> e um conjunto de instituições. Esse conjunto pode ser dividido em macro-instituições e micro-instituições<sup>4</sup>.

BAPTISTA (1997) ressalta que, além dos balizamentos estruturais, a *herança genética da firma*, onde se entende os já discutidos *genes* na acepção de Nelson e Winter, também são elementos fundamentais ao revelar, de forma única, a competência nuclear de cada firma, que se traduz pelo seu potencial de explorar situações e gerar novas oportunidades, bem como de empreender um processo contínuo de aprendizado. As competências nucleares da firma estão resumidas no Quadro 1. As dimensões das capacitações das competências são divididas em: organizacionais e econômicas, e técnicas.

As competências nucleares organizacionais e econômicas podem ser descritas como: Decisão alocativa, a decisão do que produzir e a que preço; Decisão transacional, quando produzir, isoladamente ou em parceria; Competência administrativa, como conceber as estruturas organizacionais e as políticas capazes de propiciar um desempenho eficiente. Por outro lado, as capacitações técnicas envolvem o projeto e desenvolvimento de novos produtos e processos, além da habilidade de operar as instalações produtivas eficientemente.

3 Pacote de procedimentos que orientam a investigação sobre um problema tecnológico, definindo o contexto, os objetivos a serem alcançados, os recursos a serem utilizados; enfim, um padrão de solução de problemas técnico-econômicos selecionados (KUPFER, 1996).

4 Macro-instituições: conjunto de agências públicas, seus padrões de interação com os organismos públicos que, de forma mais geral, definem os direitos de propriedade. Micro-instituições são todas as formas institucionalizadas de interação entre agentes, não mediadas diretamente pelo mercado, que se verificam no âmbito privado, (BAPTISTA, 1997).

A dimensão organizacional e econômica envolve um componente tácito extremamente relevante, apresentando uma especificidade de difícil imitação. O técnico/produtivo se constitui em um elemento parcial da capacitação da firma, à medida em que se subordina ao organizacional e econômico. Dessa forma, cabe salientar a importância que assumem essas competências, pois são fundamentais na tomada de decisão, ou seja, quando se traça um curso de ação na unidade produtora. Em um ambiente composto por experiências passadas e novas atitudes presentes, o aprendizado pode se constituir em um fator estratégico e crucial para o desempenho da firma a longo prazo, na medida em que propicia a geração e o aperfeiçoamento das capacitações individuais.

QUADRO 1 - Competências Nucleares da Firma.

| <b>DIMENSÕES DAS CAPACITAÇÕES</b> | <b>TIPOS DE COMPETÊNCIAS</b>  |
|-----------------------------------|---|
| ORGANIZACIONAIS E ECONÔMICAS      | <ul style="list-style-type: none"> <li>• ALOATIVAS</li> <li>• TRANSACIONAIS</li> <li>• ADMINISTRATIVAS</li> </ul>                                     |
| TÉCNICAS                          | <ul style="list-style-type: none"> <li>• DESENVOLVIMENTO/PROJETO (PRODUTO/PROCESSO)</li> <li>• EFICIÊNCIA PRODUTIVA</li> <li>• APRENDIZADO</li> </ul> |

Fonte: BAPTISTA, 1997, p. 1247

108

De fato, pesquisas realizadas pelo SEBRAE apontam que há fatores endógenos e exógenos determinantes do sucesso de uma empresa. Essas pesquisas indicam que a mortalidade está condicionada a quatro fatores, sem hierarquia, que na medida em que se somam, elevam as chances do negócio ser mal sucedido. São eles: a) Deficiência no planejamento prévio (não efetuaram um plano de negócios com identificação de estudo de demanda, aspectos legais, fornecedores, dentre outros); b) Gestão da empresa (falta de controle do fluxo de caixa, aperfeiçoamento de produtos/serviços, falta de dedicação exclusiva do proprietário, principalmente no primeiro ano de atividade da empresa); c) Fatores extra-econômicos (problemas pessoais, tais como desentendimento entre os sócios, acidentes pessoais, gravidez, doença, violência, etc.) Estes fatores atingem mais as micro e pequenas empresas, onde a figura do dono se confunde com a da empresa; d) Aspectos conjunturais (a adoção de determinadas políticas macroeconômicas como, por exemplo, a elevação da taxa de juros, variações no câmbio e políticas comerciais). Notadamente essas políticas resultam em retração no mercado consumidor, acirramento da concorrência e pressão de custos. Também há os condicionantes externos, tais como crise em outros países, como as crises asiática, russa, do petróleo, etc. (SEBRAE, 1999a; 1999b; 2003).

## 2. METODOLOGIA

Os dados utilizados nesta pesquisa foram obtidos a partir da Relação Anual de Informações Sociais (RAIS), um questionário respondido pelas empresas do mercado formal. Esse instrumento fornece informações sobre o número de trabalhadores e a composição do emprego, em 31 de dezembro, de cada estabelecimento.<sup>5</sup> Não foi incorporada a RAIS negativa, ou seja, firmas sem vínculos empregatícios, devido ao fato delas apresentarem um padrão de abertura e fechamento diferenciado daquele das empresas com trabalhadores remunerados.

O ramo de atividade foi selecionado segundo a classificação do Cadastro Nacional de Empresas (CNAE – 95), do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), em um total de 17 categorias, da seguinte forma: 1) Agricultura, Pecuária, Silvicultura e Exploração Florestal; 2) Pesca; 3) Indústrias Extrativas; 4) Indústrias de Transformação; 5) Produção e Distribuição de Eletricidade, Gás e Água; 6) Construção; 7) Comércio Atacadista e Varejista; 8) Alojamento e Alimentação; 9) Transporte, Armazenagem e Comunicações; 10) Intermediação Financeira; 11) Atividades Imobiliárias, Aluguéis e Serviços; 12) Administração Pública, Defesa e Seguridade; 13) Ensino; 14) Saúde e Serviços Sociais; 15) Outras Atividades de Serviços Coletivos, Sociais e Pessoais; 16) Residências Particulares com Empregados e Organismos Internacionais e Instituições Extraterritoriais. Foram excluídas as seguintes categorias: Agricultura, Pecuária, Silvicultura, Exploração Florestal, Pesca, Serviços Domésticos, Organismos Internacionais e Outras Instituições Extraterritoriais.

Foram analisadas informações de 1997 a 2002 do Município de Londrina, conforme a classificação por porte de estabelecimento, com base no número de trabalhadores formais e empregados, de acordo com NAJBERG e PUGA (2001): até 19 (micro), 20 a 99 (pequeno), 100 a 499 (médio) e mais de 500 (grande).

Muito embora a RAIS tenha uma ampla cobertura, torna-se importante salientar suas limitações, tais como: omissões de declaração de estabelecimentos, erros no preenchimento do formulário, e declarações agregadas na matriz; o procedimento correto seria o fornecimento dessas informações pelo próprio estabelecimento.<sup>6</sup>

Apesar de todo o cuidado no tratamento das informações, pode ocorrer algum viés oriundo de dados que não foram passíveis de mapeamento para exclusão, como, por exemplo, as empresas públicas, que devido à sua própria natureza apresentam dinâmicas diferentes para abertura e fechamento.

## 3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

### 3.1. Evolução de Firms

A Tabela 1 apresenta a evolução e variação líquida de firmas em Londrina no período de 1997 a 2002. A variação líquida corresponde ao número de firmas que foram abertas, subtraídas as que fecharam. A maioria dos estabelecimentos possui menos de 20 empregados (micro-estabelecimentos). Em dezembro de 1997, tais unidades respondiam por 7.529 das 8.145 firmas existentes, correspondendo, portanto, a uma participação de 92,44%. Esse resultado, se comparado com os de outras pesquisas do gênero não surpreende, pois conforme apontado por NAJBERG e PUGA (2001), dos estabelecimentos existentes no Brasil em 1999, 92,8% eram micro.

<sup>5</sup> As bases de dados cobrem cerca de 95% do universo do mercado formal e foram obtidas através do site do MTE, [www.mte.gov.br/sspe/rais](http://www.mte.gov.br/sspe/rais)

<sup>6</sup> Notas técnicas do arquivo, RAIS/MTE.

A variação líquida para o período de 1997 a 2002 foi de 1.898 estabelecimentos. Desse total, as micro foram responsáveis pelo saldo de 1.757, o que representa 92,57%. As firmas pequenas contribuíram com o acréscimo de 122 unidades, o que corresponde à participação de 23,41%; seguido pelas “médio” e “grande”, com o acréscimo de 18 e 1 estabelecimentos, representando 23,08% e 5,88%, respectivamente. Observa-se, nos anos de 98 e 99, variação líquida negativa para o número de estabelecimentos médios; Em 98, observa-se a mesma variação líquida negativa, conforme apontado na Tabela 1. Esse fato pode estar ligado à redução de porte através do processo de enxugamento ou terceirização de atividades. Fato semelhante foi observado na pesquisa realizada por NAJBERG e PUGA (2001). Esses autores apontam significativos movimentos de mudança de porte no que se refere à redução do tamanho das firmas, processos resultantes de demissão/desligamento. Apesar das variações negativas, apontadas em alguns anos, o total do número de firmas apresentou, ao final de 2002, resultado crescente, se comparado ao ano de 1997, para todos os portes.

TABELA 1 – Evolução, variação líquida de firmas em Londrina, período 1997/2002.

| <b>FIRMAS/PORTE</b>        | <b>MICRO<br/>(0-19)</b> | <b>PEQUENO<br/>(20-99)</b> | <b>MÉDIO<br/>(100-499)</b> | <b>GRANDE<br/>(500+)</b> | <b>TOTAL</b>  |
|----------------------------|-------------------------|----------------------------|----------------------------|--------------------------|---------------|
| <b>Número de firmas/97</b> | <b>7.529</b>            | <b>521</b>                 | <b>78</b>                  | <b>17</b>                | <b>8.145</b>  |
| Varição Líquido 98         | 232                     | 15                         | -5                         | -4                       | 238           |
| Varição Percentual         | 3,08                    | 2,88                       | -6,41                      | -23,53                   | 2,92          |
| <b>Número de firmas/98</b> | <b>7.761</b>            | <b>536</b>                 | <b>73</b>                  | <b>13</b>                | <b>8.383</b>  |
| Varição Líquida 99         | 405                     | 16                         | -4                         | 2                        | 419           |
| Varição Percentual         | 5,22                    | 2,99                       | -5,48                      | 15,38                    | 5,00          |
| <b>Número de firmas/99</b> | <b>8.166</b>            | <b>552</b>                 | <b>69</b>                  | <b>15</b>                | <b>8.802</b>  |
| Varição Líquida 00         | 542                     | 34                         | 15                         | 0                        | 591           |
| Varição Percentual         | 6,64                    | 6,16                       | 21,74                      | 0                        | 6,71          |
| <b>Número de firmas/00</b> | <b>8.708</b>            | <b>586</b>                 | <b>84</b>                  | <b>15</b>                | <b>9393</b>   |
| Varição Líquida 01         | 248                     | 24                         | 0                          | 2                        | 274           |
| Varição Percentual         | 2,85                    | 4,09                       | 0                          | 13,33                    | 2,92          |
| <b>Número de firmas/01</b> | <b>8.956</b>            | <b>610</b>                 | <b>84</b>                  | <b>17</b>                | <b>9.667</b>  |
| Varição Líquida 02         | 330                     | 33                         | 12                         | 1                        | 376           |
| Varição Percentual         | 3,68                    | 5,41                       | 14,29                      | 5,88                     | 3,89          |
| <b>Número de firmas/02</b> | <b>9.286</b>            | <b>643</b>                 | <b>96</b>                  | <b>18</b>                | <b>10.043</b> |

Fonte: Dados Brutos – RAIS/MTE.

\* Corresponde ao número de firmas em dezembro/ano.

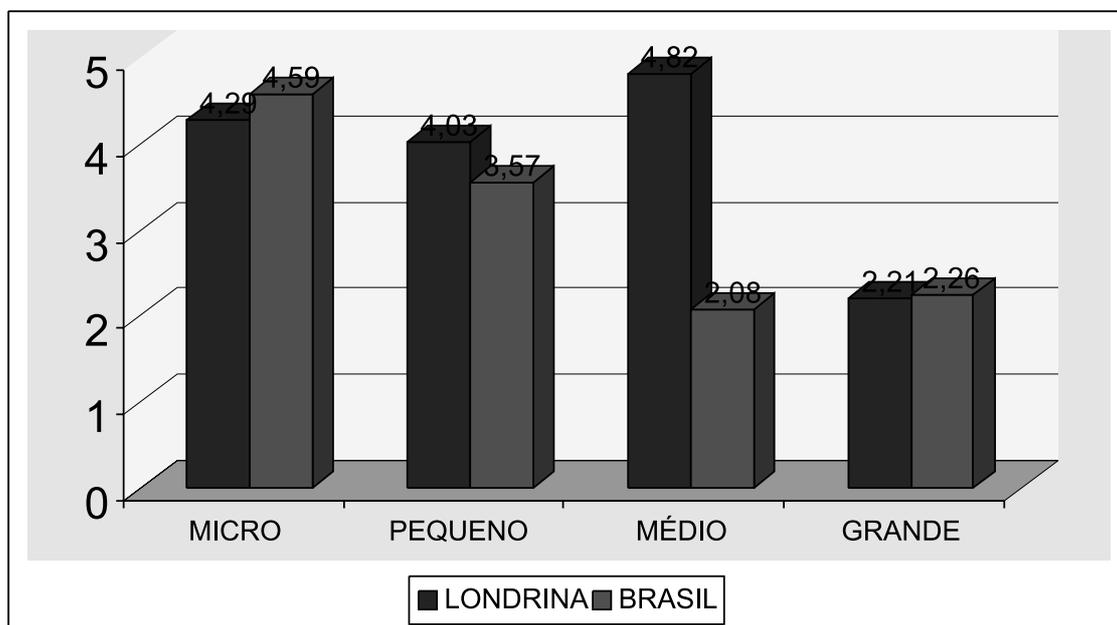
Nota: O Número de firmas corresponde ao total existente em dezembro/ano.

Varição líquida = Número de firmas em dez(ano-1) – Número de firmas no ano, o que corresponde a: natalidade – mortalidade.

O crescimento médio total no período dezembro de 1997 a dezembro 2002 foi de 4,29%. Este resultado é significativo se comparado ao crescimento médio do Produto Interno Bruto (PIB) do Brasil para o mesmo período, que foi de 1,26%.

O Gráfico 1 apresenta a taxa líquida de crescimento médio das firmas, para o Brasil e para a cidade de Londrina no período de 1998 a 2002. A taxa líquida de crescimento corresponde ao percentual de firmas criadas, subtraído o percentual de firmas que fecharam. As taxas de crescimento para esse município apresentam significativas oscilações em alguns momentos, superando a taxa de crescimento do Brasil. Em uma análise comparativa, observam-se comportamentos próximos para os portes micro, pequeno e grande, mas salta aos olhos as diferenças para o porte médio, que superou a taxa de crescimento apresentada pelo Brasil, em proporções significativas.

GRÁFICO 1 – Taxa líquida média de crescimento dos estabelecimentos, de acordo com o porte, para o Brasil e para Londrina, no período de 1998 a 2002.



FONTE: Taxa líquida de crescimento para Londrina calculada a partir de Dados Brutos – RAIS/MTE. Taxa líquida de crescimento para o Brasil, nos anos de 1997 a 1999, dados re-elaborados pela autora, a partir de NAJBERG e PUGA (2001). Taxa líquida de crescimento de 2000 a 2002, médias dos anos anteriores.

### 3.2. Evolução do Emprego

A Tabela 2 apresenta o parâmetro emprego de acordo com o porte e com a variação líquida, para o município de Londrina, no período de 1997 a 2002. Neste período, ocorreu aumento de 17.497 empregos, com um crescimento médio de 3,73%. A maior participação na geração desses empregos coube aos estabelecimentos classificados como micro, com o aumento 7.022 postos de trabalho, o que correspondeu a 40,13% do total. O emprego, nesses estabelecimentos, apresentou taxa média de crescimento de 4,19%, destacando-se o ano de 2000, cujo crescimento foi de 8,12%. Fazendo uma inferência entre esta taxa de crescimento com a evolução de estabelecimentos, naquele mesmo ano, observa-se que houve o acréscimo de 542 firmas, representando 6,64%<sup>7</sup>, conforme mostra a Tabela 1. Os estabelecimentos pequenos e médios foram os responsáveis pelo acréscimo de 4.582 e 4.910 postos de trabalho, respectivamente. Estes números representaram participação de 26,19% e 28,06%, respectivamente. Porém, constatou-se oscilações negativas nos anos de 1999 e 2001, com perda de emprego, respectivamente (0,28%) e (1,65%), oriunda do fechamento de 4 empresas, conforme foi apontado na Tabela 1, e do enxugamento no quadro de pessoal em 2001. As firmas grandes apresentaram a menor participação, apenas 1,14%, totalizando apenas 983 novos empregos.

TABELA 2 - Emprego por porte do estabelecimento e variação líquida, para o município de Londrina no período de 1997 a 2002.

| <b>EMPREGO/PORTE DA FIRMA</b> | <b>MICRO (0-19)</b> | <b>PEQUENO (20-99)</b> | <b>MÉDIO (100-499)</b> | <b>GRANDE (500+)</b> | <b>TOTAL</b>   |
|-------------------------------|---------------------|------------------------|------------------------|----------------------|----------------|
| <b>Emprego em/97*</b>         | <b>30.938</b>       | <b>20.421</b>          | <b>14.866</b>          | <b>21.847</b>        | <b>88.072</b>  |
| Variação líquida 98           | 1.004               | 706                    | 528                    | -2.529               | -291           |
| Variação percentual           | 3,24                | 3,46                   | 3,55                   | -11,57               | -0,33          |
| <b>Emprego em/98</b>          | <b>31.942</b>       | <b>21.127</b>          | <b>15.394</b>          | <b>19.318</b>        | <b>87.781</b>  |
| Variação líquida 99           | 966                 | -18                    | -43                    | 1.189                | 2.094          |
| Variação percentual           | 3,02                | -0,08                  | -0,28                  | 6,15                 | 2,38           |
| <b>Emprego em/99</b>          | <b>32.908</b>       | <b>21.109</b>          | <b>15.351</b>          | <b>20.507</b>        | <b>89.875</b>  |
| Variação líquida 00           | 2.671               | 1.827                  | 2.879                  | -187                 | 7.190          |
| Variação percentual           | 8,12                | 8,65                   | 18,75                  | -0,91                | 8,00           |
| <b>Emprego em/00</b>          | <b>35.579</b>       | <b>22.936</b>          | <b>18.230</b>          | <b>20.320</b>        | <b>97.065</b>  |
| Variação líquida 01           | 1.114               | 797                    | -300                   | 1.738                | 3.353          |
| Variação percentual           | 3,13                | 3,47                   | -1,65                  | 8,55                 | 3,45           |
| <b>Emprego em/01</b>          | <b>36.639</b>       | <b>23.733</b>          | <b>17.930</b>          | <b>22.058</b>        | <b>100.418</b> |
| Variação líquida 02           | 1.267               | 1.270                  | 1.846                  | 772                  | 5.151          |
| Variação percentual           | 3,45                | 5,35                   | 10,29                  | 3,50                 | 5,13           |
| <b>Emprego em/02</b>          | <b>37.960</b>       | <b>25.003</b>          | <b>19.776</b>          | <b>22.830</b>        | <b>105.569</b> |

Fonte: Dados Brutos – RAIS/MTE.

\*Número de indivíduos empregados em dezembro/ano.

\*\* Variação líquida = indivíduos empregados em dezembro(ano-1) + empregos que foram gerados – desemprego.

<sup>7</sup> O resultado é expressivo se comparado ao crescimento do PIB brasileiro no ano de 2000, que foi de 4,36%.

### 3.3. Firms e Emprego por Ramo de Atividade

A Tabela 3 apresenta a evolução das firmas e empregos por ramo de atividade para Londrina em 1997 e 2002. Em um confronto entre ramos de atividade, observa-se que a maior evolução em estabelecimentos foi constatada para o setor de transportes, armazenagem e comunicações, com aumento de 53,39%, seguido por ensino, saúde e serviços sociais, com 42,21% e 31,89%, respectivamente. O aumento do emprego mais expressivo foi constatado no ramo de atividades imobiliárias, aluguéis e serviços, com 44,40%. Na seqüência, observam-se os dados dos setores saúde e serviços sociais, com 37,16% e 28,69%, respectivamente. A perda de estabelecimentos foi mais significativa para administração pública, defesa e seguridade (com 57,89%), seguido por construção (14,19%). O impacto negativo no emprego mais significativo atingiu o ramo de produção e distribuição de eletricidade, gás e água (com 19,74%), seguido por outras atividades de serviços coletivos, sociais e pessoais, (com 10,48%). A análise comparativa, aos extremos, indica que enquanto o número de estabelecimentos em 2002 foi 23,30% maior que em 1997, o emprego aumentou em apenas 19,87%. Este fato reforça a tese de que nos últimos anos tem ocorrido um processo de enxugamento nas empresas.

TABELA 3 – Evolução de firmas e emprego por ramo de atividade, Londrina, 1997 e 2002.

| RAMO DE ATIVIDADE*                                  | FIRMAS |       |        | EMPREGO |        |        |
|---|--------|-------|--------|---------|--------|--------|
|   | 1997   | 2002  | Δ %    | 1997    | 2002   | Δ %    |
| Indústrias extrativas                               | 11     | 12    | 9.09   | 63      | 65     | 3.17   |
| Indústrias de transformação                         | 954    | 1.135 | 18.97  | 16.295  | 20.909 | 28.31  |
| Produção e distribuição de eletricidade, gás e água | 4      | 1     | -0.75  | 76      | 61     | -19.74 |
| Construção  | 465    | 399   | -14.19 | 5.507   | 5.179  | -5.96  |
| Comércio atacadista e varejista                     | 3.111  | 4.026 | 29.41  | 18.404  | 23.684 | 28.69  |
| Alojamento e alimentação                            | 377    | 446   | 18.30  | 3.081   | 3.829  | 24.27  |
| Transporte, armazenagem e comunicações              | 251    | 385   | 53.39  | 6.252   | 7.872  | 25.91  |
| Intermediação financeira                            | 139    | 166   | 19.42  | 2.311   | 2.267  | -1.90  |

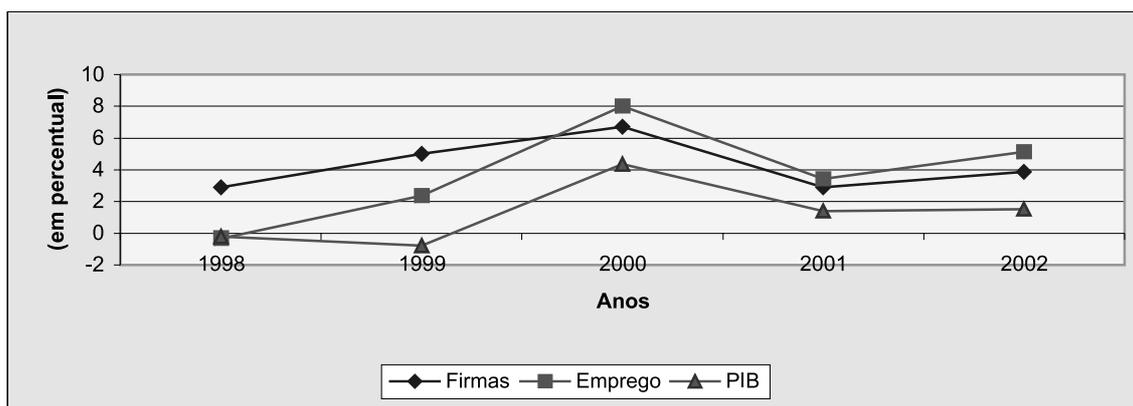
FONTE: Dados Brutos - RAIS/MTE.

\* Ramo de atividade segundo a classificação do CNAE-95/IBGE (17 categorias).

\*\* Exclui Rais negativa, Agricultura, Pecuária, Silvicultura e Exploração Florestal, Pesca, Serviços Domésticos, Organismos Internacionais e Outras Instituições Extraterritoriais.

O Gráfico 2 apresenta as taxas de crescimento das firmas, do emprego e PIB – Brasil, de 1998 a 2002. Constata-se a mesma tendência para as três variáveis observadas, mostrando que em momentos de conjuntura favorável a economia local apresentou desempenho semelhante ao nacional, porém com taxas de crescimento e emprego superiores ao PIB do Brasil. O emprego cresceu segundo taxas menores às do número de firmas até 1999. De 2000 a 2002 a taxa de crescimento do emprego superou a taxa de crescimento de firmas.

GRAFICO 2 – Taxas de crescimento das firmas, do emprego e PIB Brasil, 1998 a 2002.



Fonte: Dados Brutos, RAIS/MTE. FIEP/CIESP, 2004.

#### 4. CONCLUSÕES

A análise comparativa dos resultados revelou que há uma constante movimentação na economia de Londrina no que tange ao número de firmas que são criadas e fechadas, resultando em impactos significativos no emprego. No período em estudo, observou-se o aumento de 1.898 estabelecimentos e 17.497 postos de trabalho. O crescimento médio total de estabelecimentos e postos de emprego foi de 4,29% e 3,73%, respectivamente. Este resultado superou o crescimento do PIB no mesmo período, que foi de 1,26%. Em uma análise segundo o porte, constatou-se que aqueles classificados como micro foram responsáveis pela maior dinâmica, tanto para o quesito estabelecimentos, como para a geração de empregos. Nesse porte, ocorreu um aumento de 1.757 firmas, correspondendo a 92,57% do total, tendo gerado 7.022 novos postos de trabalho, representando 44,13% do total. Dentre os ramos de atividade, o que mais contribuiu para o aumento do número de firmas foi o de transporte, armazenagem e comunicação. O maior aumento de postos de trabalho foi constatado no ramo de atividades imobiliárias, aluguéis e serviços. Houve redução do número de firmas no ramo de construção civil e administração pública, defesa e seguridade. Ocorreu impacto negativo no emprego, no ramo de produção e distribuição de eletricidade, gás e água. Conclui-se, portanto, que políticas públicas que reduzam a mortalidade nas unidades de menor porte podem ser favoráveis à criação e manutenção do emprego.

#### REFERÊNCIAS

BAPTISTA, M. O enfoque neo-schumpeteriano da firma. *In: ENCONTRO NACIONAL DE ECONOMIA*, 25. *Anais*. Brasília. ANPEC, 1997, v.2, p.1236-1255.

CÂMARA, M. R. G. *A indústria farmacêutica: grupos estratégicos, tecnologia e regulamentação; a experiência brasileira em debate*. São Paulo, 1993. Tese (doutorado) – FEA/USP.

CADASTRO NACIONAL DE EMPRESAS (CNAE ). Disponível em < [www.cnae.ibge.gov.br](http://www.cnae.ibge.gov.br) > Acesso em 18.09.2004.

FEDERAÇÃO DA INDÚSTRIA DO ESTADO DE SÃO PAULO (FIEP). Disponível em < [www.fiep.ciep.com.br](http://www.fiep.ciep.com.br) >. Acesso em 26.07.2004.

KUPFER, David. Uma abordagem neo-schumpeteriana da competitividade industrial. *Ensaio FEE*. Porto Alegre, v.5, n.17, n.1. p.355-372, 1996.

MINISTÉRIO DO TRABALHO E DO EMPREGO (MTE). Bases de Dados. Disponível em < www.mte.gov.br > Acesso nos meses de agosto e setembro de 2004.

NAJBERG, S.; PUGA F. P.; OLIVEIRA, P. A., Sobrevivência das firmas no Brasil: dez. 1995/dez. 1997. *Revista do BNDES*. Rio de Janeiro, v.7, n.13, p.33-48, jun. 2000.

NAJBERG, S.; PUGA F. P. *Criação e fechamento de firmas brasileiras: uma análise por porte*. Rio de Janeiro: BNDES, dez. 2001.

PASSOS, R. M. C.; NOGAMI, O. *Princípios de Economia*. São Paulo: Pioneira, 1999, 473p.

PUGA, F. P. *Experiências de apoio às micro, pequenas e médias empresas nos Estados Unidos, na Itália e em Taiwan*. Rio de Janeiro: BNDES, fev. 2000.

POSSAS, M. L. Em direção a um paradigma microdinâmico: A abordagem neo-schumpeteriana. In: J. AMADEO, Edward (Org.). *Ensaio sobre economia e história do pensamento econômico*. São Paulo: Marco Zero, 1989, p.157-177.

SEBRAE. Serviço de Apoio às Micro e Pequenas Empresas de São Paulo. *Fatores condicionantes da mortalidade de empresas – pesquisa piloto realizada em Minas Gerais*. Sebrae, 1998.

\_\_\_\_\_. *Fatores condicionantes da mortalidade de empresas*. Sebrae, out. 1999<sup>a</sup>.

\_\_\_\_\_. *Estudo da mortalidade das empresas paulistas*. Sebrae, dez. 1999<sup>b</sup>.

\_\_\_\_\_. *Sobrevivência e mortalidade das empresas paulistas de 1 a 5 anos*. Sebrae, dez. 2003.

SCHUMPETER, J. A. *Teoria do desenvolvimento econômico*. São Paulo: Nova Cultural, 1985. (Série Os Economistas).

SHIKIDA, P. F. A.; BACHA, C. J. C. Notas sobre o Modelo Schumpeteriano e suas principais correntes de pensamento. *Teoria e Evidência Econômica*. Passo Fundo, v.5, n.10, p.107-126, maio, 1988.